

Pesquisa Qualitativa: uma Abordagem Subjetiva da Saúde Mental

Evandro Gomes de Matos¹

Antonios I. Terzis²

Hilda Coutinho de Oliveira³

1. *Médico Psiquiatra.*

Doutor em Saúde

Mental pela

Universidade de

Campinas (UNICAMP)

- SP. Professor

Assistente da

Faculdade de Ciências

Médicas da UNICAMP

- SP.

2. *Psicólogo. Doutor em*

Psicologia Clínica pela

Universidade de São

Paulo (USP) - SP.

Professor Titular da

Pós-graduação em

Psicologia da

Pontifícia Universidade

Católica de Campinas

(PUCAMP) - SP.

3. *Psicóloga. Mestra em*

Psicologia Clínica pela

PUCAMP - SP.

Doutoranda em Saúde

Mental pela UNICAMP

- SP. Professora

Adjunto da

RESUMO

Este ensaio configura-se como uma discussão acerca da pesquisa qualitativa e psicanálise enquanto instrumentos de investigação da psicodinâmica grupal.

ABSTRACT

This essay takes shape as an discussion about qualitative research and psychoanalysis while investigation tools of group psychodynamic.

INTRODUÇÃO

Inquietação, indagações, ousadia e tenacidade parecem compor a aventura em que se configura a busca da conquista de um saber cujo real valor encontra-se na forma de aplicá-lo. O método qualitativo de pesquisa é audacioso porque desconstrói a relação hegemônica entre quem pesquisa e quem é pesquisado, característica ainda redundante do positivismo, transmutando-a num encontro que exacerba possibilidades metafóricas. Descobre, enfim, a poesia imanente da condição humana

não de forma invasiva, mas com a arte de criar imagens e sugerir e resgatar emoções por meio de uma linguagem multiforme de significados. Já que a subjetividade é tecida na trama de paixões e ódios que integram o cenário da vida social diária, em toda sua amplitude de sentidos compartilhados, atribuídos, apropriados e reconstruídos, um pesquisador deve ter convicções sedimentadas e compromissos fortalecidos no intuito de fomentar níveis de existência mais saudáveis, dignos e plenos. Urge repensar valores, recriar posturas e redimensionar formas

de atuação que possam fundamentar maiores competências que extrapolem paradigmas reducionistas, dogmáticos e reacionários enfim substituídos pela lucidez que decifra dores e intermedia amores, como no caso dos trabalhadores da saúde mental. Um cientista, portanto, não deveria usar seu saber enquanto poder diante do objeto pesquisado, mas precisaria estabelecer uma espécie de parceria com os sujeitos investigados para que o exercício da cientificidade se delineasse como um recurso expressivo para a reconstrução de uma sociedade mais justa e feliz. A função do cientista, então, além de acreditar que a pesquisa permite um crescimento recíproco entre o que investiga e o que é investigado, parece se colher a subjetividade inerente a toda conduta, a qual ocorre sempre num contexto de vínculos e relações humanas. Se os conteúdos da vida afetiva dos grupos podem engendrar construção e desconstrução, integração e desintegração, morbidez e saúde, a ciência torna-se conseqüente na medida em que pode se configurar num instrumento de promoção do ser humano.

Sartorius (1983) ressalta que está emergindo uma nova geração de profissionais especializados em saúde mental que, com empenho humanitário, estão criando um enfoque inédito referente a conhecimentos mais apropriados para países em desenvolvimento. O renascimento de adequados princípios concernentes à assistência em saúde mental precisa ser acompanhado pela reorganização da pesquisa em saúde mental. Muitos profissionais que atuam na área das ciências humanas, contudo, foram formados sob a influência das ciências naturais ou empírico-formais. Acreditam, ainda, que a cientificidade de uma pesquisa depende, basicamente, do uso de um referencial caracterizado por basear-se na observação, experimentação e verificação dos fenômenos, explicando-os segundo a lógica positivista, e comprovando-os ou rejeitando-os através de técnicas estatísticas ou equações matemáticas. A dimensão do ser humano, contudo, não cabe no âmbito dos limites restritos indicados pelas ciências naturais. Afetos, angústias e desejos

são desconsiderados pelo racional pesquisador das ciências empírico-formais e, já que não se pode medir, dissecar ou quantificar fantasmas, fantasias e emoções, o método qualitativo parece ser coerente e adequado para a compreensão dos polissêmicos e dinâmicos fenômenos grupais.

NOÇÕES CONCEITUAIS

A metodologia de pesquisa qualitativa é um processo que busca viabilizar a decifração dos significados inerentes à condição humana. Utiliza-se de técnicas específicas que se fundamentam na idéia de que o comportamento humano, eminentemente social, deve ser investigado de modo diferente dos fenômenos da natureza física. O estudo das ciências da natureza utiliza-se do método experimental na busca de legitimar seus conhecimentos por meio de processos quantificáveis que possam se transformar, através de técnicas de mensuração, em leis e padrões gerais. As ciências humanas, sociais e da saúde devem percorrer um outro caminho, percebendo toda a importância da abordagem qualitativa, a qual parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito que, por sua vez, mantém um vínculo indissociável com o objeto e, no processo de conhecimento, é sua parte integrante.

O caráter singular das relações humanas é destacado pela pesquisa qualitativa para entender o sutil, o imponderável de sua psicodinâmica. Técnicas como a observação participante, história ou relato de vida, análise de conteúdo e entrevista não-diretiva facilitam a descoberta de fenômenos latentes. *Brioschi e Trigo* (1989) indicam que este tipo de investigação busca um método próprio que permita o conhecimento da condição humana e uma epistemologia apropriados às ciências sociais como decorrência de reflexões influenciadas pela fenomenologia e sociologia crítica. A fenomenologia considera que a familiaridade com os objetos tangíveis torna os fenômenos velados. É preciso, portanto, que o pesquisador siga além das manifestações imediatas para captá-los e desvelar seu

sentido oculto. Uma pesquisa pode ser realizada apenas com o método quantitativo, mas ganha um caráter mais valorativo e humano se tiver como acréscimo o método qualitativo.

Taylor e Bogdan (1984) indicam que a pesquisa qualitativa é indutiva (os pesquisadores entendem seus dados sem se preocuparem em evidenciar hipóteses), naturalística (supõe contato direto do pesquisador com o ambiente natural e a situação que está sendo investigada), humanística (o pesquisador busca conhecer pessoalmente a vivência diária das pessoas na sociedade) e artesanal (já que o pesquisador vivencia um método de análise que busca significados e não evidências).

A pesquisa qualitativa focaliza a especificidade humana, buscando sempre a compreensão e não a explicação do fenômeno estudado. A consideração pela subjetividade da pessoa, portanto, é também científica, já que insere-se num conjunto metódico de conhecimentos obtidos mediante a observação e a experiência. *Triviños (1987)* acredita que o caráter multidimensional e abrangente deste tipo de investigação possibilita que o pesquisador se instrumentalize de forma a compreender a rede de relações configurada e a considerar a dimensão simbólica do que é expresso. *Mcleod (1994)* assinala que os participantes da pesquisa qualitativa são considerados como intencionalmente envolvidos em criarem seus mundos sociais e são também comprometidos ativamente com o processo de pesquisa.

Mannheim (1959), referindo-se às categorias fundamentais de ciências descritas por *Windelband*, denomina-as de nomotéticas (que visam à formulação de leis ou teorias) e ideográficas (que objetivam estudar os fenômenos como acontecimentos singulares capazes de conter as próprias idéias e significações). *Ladrière (1977)* enfatiza que a cientificidade das ciências humanas ou hermenêuticas está no confronto das interpretações, na procura do consenso, na possibilidade de exercermos a crítica. Ressalta que a verdadeira justificativa de um método está em sua fecundidade, quando nos

capacita a compreender a realidade que interrogamos. Já que há uma pluralidade de discursos, ciências e metaciências, é possível que também exista uma pluralidade de modos de compreensão. O método qualitativo dá voz às pessoas que raramente são ouvidas e, conforme enfatiza *Minayo (1996)*, o cientista que busca os significados da ação humana também constrói a história. *Chizzotti (1991)* informa que a finalidade do método de pesquisa qualitativo é intervir, em geral, numa situação insatisfatória onde mudanças são operadas e pesquisador e pesquisado assumem posições reativas.

BASES HISTÓRICAS

Martins e Bicudo (1994) explicam que o referido método de análise é tão antigo como a história escrita. O trabalho de campo foi iniciado por historiadores, viajantes e escritores que incluem desde o grego *Heródoto* até *Marco Polo*. A pesquisa de caráter qualitativo foi usada conscientemente na investigação social, contudo, apenas a partir do século XIX e início do XX. O estudo que *Leplay* realizou, em 1855, sobre famílias e comunidades européias representa uma das primeiras formas autênticas de observação participante, ou seja, configura-se como a primeira investigação sociológica científica. É anterior ao trabalho de *Durkheim* sobre o suicídio, também de reconhecida significação para a ciência sociológica.

Desde o começo do século a pesquisa de campo, na antropologia, tem seu valor conferido por meio de *Boas* e *Malinowski*. Mesmo que até o momento não tenha sido alvo de uma ampla aceitação, a análise qualitativa tem rica história na sociologia americana. Seu uso foi inicialmente divulgado nos estudos da Escola de Chicago, entre 1910 e 1940, quando investigadores realizaram observação participante sobre a existência urbana, histórias de vida de criminosos e delinqüentes juvenis e concretizaram um estudo sobre a vida dos emigrantes e suas famílias, na Polônia e nos Estados Unidos, baseado em documentos pessoais. Com a proeminência crescente de grandes teorias, como a de *Parsons*, e do método de

pesquisa quantitativo, o interesse pela abordagem qualitativa de análise declinou até o fim da década de 40 e início da década de 50, como revelam *Taylor e Bogdan* (1984). Desde a década de 60 seu emprego ressurgiu e, mesmo refletindo a tradição sociológica, tem sido útil em várias áreas científicas que incluem a psicologia, saúde e educação.

A psicologia, em sua origem, seguia a abordagem teórico-formal que vigorava nas ciências naturais e incluía observação, formulação e experimentação de hipóteses, além da elaboração de uma teoria que redundasse em lei, como explica *Nobre de Mello* (1980). O cientista excluía-se do contexto de observação visando apreender o objeto que, após estimulado, tinha registradas suas reações. *Wilhelm Wundt*, conforme indica *Vygotsky* (1984) estruturou essa psicologia dos estados da consciência, mas percebeu que se limitava à investigação de processos psicológicos básicos, não abrangendo a análise das funções corticais superiores. A relação dinâmica de afetos e representações entre pesquisador e pesquisado, afinal, como enfatiza *Widlocher* (1989), tem significações históricas e singulares. Enquanto *Jaspers* (1989) sugeria a transformação da alma, sede das paixões, num objeto através de meios em que se fizesse perceptível, como na conduta, *Freud* (1916) a vislumbrou no inconsciente. Mesmo que a psicanálise tenha sido influenciada, inicialmente, pelas ciências naturais, com seus preceitos explicativo-causais, configurou-se como um método inédito que passou a decifrar os sentidos que subjazem aos sintomas humanos.

NOTAS METODOLÓGICAS

Entre os tipos de pesquisa qualitativa a observação direta ou participante contextualiza-se através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, no intuito de recolher ações dos atores em seu ambiente natural, em termos de sua perspectiva, como explica *Chizotti* (1991).

A entrevista não diretiva ou abordagem clínica é um método de obter informações com base no livre discurso do entrevistado. Surgiu da técnica

psicoterapêutica centrada no cliente e desenvolvida por *Carl Rogers* e requer que o pesquisador, nas interações verbais e não verbais, à medida em que entende o contexto de ações do informante, recolha os dados que o conduzem à progressiva elucidação do problema, à formulação e confirmação de seus pressupostos.

A história de vida privilegia a coleta de informações inerentes à vida de um ou vários informantes. Além de ter surgido na Escola de Chicago, em 1920, sendo desenvolvida por *Znanieski*, na Polônia, instaurou as estratégias de análise do vivido a partir dos anos 60, após ter sido preterida anteriormente pelas técnicas quantitativas.

Triviños (1987) explica que a análise de conteúdo, um método aplicável de forma diferente tanto na pesquisa quantitativa como na investigação qualitativa, nasceu durante as primeiras tentativas de interpretação dos livros sagrados, feitas mais sistematicamente nos séculos XVII, na Suécia, e XIX, na França. As duas guerras mundiais agudizaram o desenvolvimento da propaganda, no qual o método de análise de conteúdo alcançou importância, principalmente, por conta dos estudos de *Leavell* e, posteriormente, em 1948, de *Berelson e Lazarsfeld*.

A psicanálise e a psicologia clínica utilizaram-no como um dos elementos interpretativos da vida do sujeito. *Bardin* (1977) ressalta que a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas analíticas de comunicação que busca, através de procedimentos sistemáticos e objetivos descritivos do conteúdo das mensagens, obter indicadores, quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção / recepção (variáveis inferidas) das mensagens.

As pesquisas ativas, conforme indica *Chizotti* (1991), divergiram de seu modelo lewiniano inicial, sendo ampliadas por conta das contribuições do teatro da espontaneidade, de *Moreno*, da orientação psicanalítica britânica e dos métodos utilizados pelo *Tavistock Institute of Human Relation*, da Inglaterra, além das correntes sociotécnicas e sociopedagógicas. A

pesquisa-ação tenciona atuar em termos de propiciar mudanças no mundo real.

O estudo de caso designa pesquisas que coletam e registram dados de um caso particular ou de vários casos para avaliá-los analiticamente, visando à proposta de ação transformadora. *Chizotti* (1991) indica que é também uma base referencial de condições socioculturais inerentes a uma dada situação.

O método clínico foi desenvolvido, inicialmente, por Hipócrates, há 2.000 anos tendo sido *Freud*, principalmente, quem construiu um saber moderno a ele concernente. *Triviños* (1987) explica que está relacionado aos estudos sobre a inteligência da criança empreendidos por *Jean Piaget*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psicanálise, método de pesquisa que é essencialmente qualitativo, dignifica o conhecimento porque intermedia enredos de vida singulares em suas possibilidades de desenvolvimento. Como diz *Amatuzzi* (1994), “não será que para compreender o humano não teremos que tomar as asas do símbolo cujos significados nunca se esgotam, entender o que da poesia não coube na ciência convencional, o que da arte, dança e religiosidade também não? Não será que, ao invés de pensarmos em possuir uma sabedoria, não deveríamos pensar em sermos possuídos por uma sabedoria?” O polissêmico processo de investigação do humano pode configurar-se numa ocasião de construção e crescimento no âmbito da relação entre sujeito e objeto. *Freud*, em sua época, lutava por legitimar seu método diante da vigilante ciência que vigorava, recorrendo a modelos da biologia e física. Atualmente é indiscutível a produção de novos saberes em psicanálise, por mais que os procedimentos da ciência empírica a ela não se ajustem. A riqueza da intersubjetividade na produção do conhecimento, ressaltada pela psicanálise, torna-a fusionada à ciência, assumida como compromisso que busca mediar vidas humanas mais exitosas, o que concede uma ética própria ao saber em sua vinculação com

a transformação. Por mais de meio século, como assinala *Gay* (1989), tem-se negado ao sistema freudiano de idéias o estatuto de científico, como no caso do filósofo *Popper*. Mas os conteúdos dos artigos freudianos, a prática analítica e as pesquisas das últimas décadas subsidiam oportunidades ímpares para considerar a psicanálise como a disciplina técnica, teórica e metodológica mais significativa da psicologia. O que está em questão é a visão psicanalítica da experiência humana, relevante para áreas de conhecimento diversificadas e de grande utilidade para o método qualitativo. A ausência aparente de lógica nas observações psicanalíticas e a proeminência dada às tensões não resolvidas fazem de *Freud* o geógrafo supremo do psiquismo.

Hesnard (1952) enfatiza que a psicanálise conquistou um grande mérito por conta dos processos psíquicos que desvelou, como as fases sucessivas da evolução do instituto sexual do decurso da vida do ser humano; a função das influências familiares na formação da personalidade da criança em termos afetivos e morais; a importância de suas atrações e repulsas para com os pais e, posteriormente, para com os seres que a cercam; a psicologia do narcisismo; a origem direta e específica, embora muito dissimulada pela consciência, de todas as neuroses. A psicanálise é uma ciência sedutora, muito útil nos casos em que se trata de penetrar mais profundamente no campo da vida afetiva, sobretudo sexual, de pessoas normais ou doentes. Criticável em pontos como exageros terminológicos, excessos teleológicos e em certas fantasias de interpretação simbólica estabelece, contudo, uma evolução apreciável sobre todos os outros métodos de exploração e tratamento do psiquismo, devendo ser conhecida de forma aprofundada por todos os profissionais de saúde mental. É a psicologia afetiva que os estudiosos da vida humana reclamam: ciência que ainda espanta por lidar com a liberdade de tentar decifrar a alma, e que vem sendo construída sobre fenômenos psíquicos observáveis.

Freud, como indica *Gay* (1989), considera que o homem tem contradições, segredos, amores, ódios, conflitos e angústias, integrantes da instigante e fugidia

complexidade que se esconde no inconsciente e, insinuante, deixa apenas traços indícios. *Freud*, mensageiro das más notícias, tem sido tratado como se as tivesse inventado. Este é o mecanismo defensivo para lidar com a sutileza da diversidade e ambivalência que entrelaça desejos conscientes e interdições inconscientes, realidades objetivas e representações constitutivas da vida mental dos seres humanos. A psicanálise é um conjunto de descobertas e um método-falível, testado de forma incompleta, ainda difícil de ser aplicado; contudo é o melhor que temos no presente para assediar os mistérios humanos.

Silva (1993) ressalta que costumamos nos esquecer de que o método científico se desenvolveu a partir da necessidade diária de pensar, e que tal esquecimento se deve a tendência humana, revelada por *Freud*, de manter os problemas a distância, a menos que sejamos obrigados a enfrentá-los por conta das exigências da vida. Mas problematizar uma realidade eliciando, de seu contexto, mais dúvidas que certezas favorece a construção de uma sabedoria que se configura como uma obra de arte burilada com a própria vida, idéias e emoções. Sentir e não só pensar, como diria *Descartes* (citado por *Reale* e *Antiseri*, 1990), garantem a existência, especialmente a do pesquisador que se propõe a trabalhar com a abordagem qualitativa, por muitos profissionais ainda considerada como espécie de ciência subversiva. Um cientista da subjetividade deve escutar as falas dissonantes, abafadas, que questionam o já estruturado; atentar para o simbolismo da vida social que cria condições diversas das que lhes são impostas e sugerir rumos possíveis e melhores de existência humana. Referencio, finalmente, as palavras de *Nietzsche* (citado por *Alves*, 1996): "**contra o positivismo, que pára perante os fenômenos e diz: há apenas fatos, eu digo: ao contrário, não há fatos; existem apenas interpretações!...**"

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMATUZZI, M. M. A. A investigação do humano: um debate. *Estudos de Psicologia*, 3 (supl. 11): 73-7, 1994.

ALVES, R. **Filosofia da ciência**: introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Arns Poética, 1996. 190p.

BRIOSCHI, L. R. e TRIGO, M. H. D. **Família, representação e cotidiano**: reflexão sobre um trabalho de campo. São Paulo, CERU / CODAC / USP, 1989.

BARDIN, L. **Análise do conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 1994.

CHIZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo, Cortez, 1991.

FREUD, S. **Conferências introdutórias sobre psicanálise**. In: _____
Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. 2 ed. Rio de Janeiro, Imago, 1916 (vols. XV e XVI).

GAY, P. **Freud para historiadores**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.

HESNARD, A. **A psicanálise**: teoria sexual de Freud. São Paulo, Unitas, 1952.

JASPERS, K. **Psicopatologia geral**. 2 ed. Rio de Janeiro, Atheneu, 1989 (v.1.).

LADRIÈRE, J. - **A articulação do sentido**. São Paulo, EPU / EDUSP, 1977.

MCLEOD, J. **Doing counselling research**. London, Sage Publications, 1994.

MANNHEIM, K. **Essays on sociology and social psychology**. 2 ed. London, Routledge & Kegan, 1959.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 4 ed. São Paulo, HUCITEC / ABRASCO, 1996.

MARTINS, J. & BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia**: fundamentos e recursos básicos. 2 ed. São Paulo, Moraes, 1994. 110p.

NOBRE de MELO, A. L. **Psiquiatria**. Rio de Janeiro, Koogan, 1980.

REALE, G. & ANTISERI, D. **História da filosofia**: do humanismo à Kant. 2 ed. São Paulo, Paulus, 1990. 956p. (Coleção Filosofia, v.2).

SARTORIUS, N. Mental health in the early 1980s: some perspectives. *Bulletin*

- of the **World Health Organization**, 61 (suppl. 1): 1-6, 1983.
- SILVA, N. E. L. Pensar em Psicanálise. In: _____, coord. **Investigação e psicanálise**. Campinas, Papirus, 1993.
- TAYLOR, J. S. & BOGDAN, R. **Introduction to qualitative research methods: the search of meanings**. 2 ed. New York, Addison-Wesley Interscienee Publication, 1984.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, Atlas, 1987.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo, Martins Fontes, 1984.
- WIDLOCHER, D. O paralelismo impossível. In: FÉDIDA, P. **Comunicação e representação**. São Paulo, Escuta, 1989. p.229-60.